

## **BEAUTIFUL PEOPLE E AS “SEMENTES DO MAL”: NOJO E ABJEÇÃO A PARTIR DE UMA “ETNOGRAFIA VIRTUAL” EM UM GRUPO DE BAIRRO NA INTERNET**

Rodolfo Ferreira da Silva<sup>1</sup>

Socorro, alguém me dê um coração  
Que esse já não bate nem apanha  
Por favor, uma emoção pequena  
Qualquer coisa que se sinta  
Tem tantos sentimentos, deve ter algum que sirva  
(Socorro - Arnaldo Antunes)

**Resumo:** O artigo a seguir é o resultado de uma pesquisa de campo virtual. A partir de uma “etnografia virtual” em um grupo de bairro na internet, procurei demonstrar como se formam os sentimentos de nojo e abjeção no grupo. Assim, investigando as postagens, encontrei de maneira recorrente a categoria de acusação “sementes do mal”, referindo-se aos grupos de meninos em situação de vulnerabilidade que circulam pelo bairro. Os sentimentos de nojo e abjeção, presentes na maioria dos membros do grupo, são afetos situados no contexto social investigado, atuando como instrumento de poder e distinção, estabelecendo uma dualidade nós-eles que opera como fator gerador de uma identidade fundada na alteridade.

**Palavras-chave:** Nojo; Abjeção; Antropologia das emoções.

**Abstract:** The following article is the result of virtual field research. Based on a “virtual ethnography” of a neighborhood group on the Internet, I tried to demonstrate how feelings of disgust and abjection are formed in the group. By investigating the posts, I found the recurring category of accusation “seeds of evil”, referring to the groups of vulnerable boys who circulate in the neighborhood. The feelings of disgust and abjection, present in the majority of the group's members, are affections situated in the social context under investigation, acting as an instrument of power and distinction, establishing an us-them duality that operates as a factor generating an identity based on otherness.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais (PPCIS-UERJ), Mestre em Ciências Sociais (PPCIS-UERJ), Especialista em História do Século XX (IUPERJ), graduado em História (UFRJ). E-mail para contato: rodolfoferreirasilva1974@gmail.com.

**Keywords:** Disgust; Abjection; Anthropology of emotions.

## 1. Introdução

As reflexões propostas no presente artigo tiveram como uma das inspirações minha trajetória acadêmica. Durante o Mestrado, pesquisei o universo de Narcóticos Anônimos (NA)<sup>2</sup>. A proposta foi identificar se poderíamos ou não comparar o processo de ingresso em NA com um ritual de conversão religiosa, buscando a percepção dos próprios membros sobre essa questão, bem como sobre suas próprias trajetórias. Durante o contato com NA, conheci e visitei em várias oportunidades um projeto chamado “Tenda”, que consiste em organizar um espaço de NA voltado para a divulgação do “programa de recuperação”, na região central de São Paulo conhecida como “Cracolândia”. Passei então, a refletir sobre o meu projeto de Doutorado, propondo uma etnografia em uma cena de uso de crack, tendo como uma das referências a questão do nojo e abjeção. Também contribuíram muito com o texto três experiências pessoais passadas. A fim de situarmos de maneira satisfatória o objeto e o problema em questão, segue um breve relato.

O primeiro episódio ocorreu quando voltava com minha filha de um compromisso e resolvemos parar em um *shopping center* de classe média alta na zona sul do Rio de Janeiro para fazermos um lanche. Ao entrarmos no *shopping*, percebemos à nossa frente uma senhora acompanhada de um jovem. Julgamos pela conversa, que era possível ouvir pelo tom de voz da senhora, que esta última apresentava a cidade do Rio de Janeiro ao rapaz. Antes de chegarmos à lanchonete, nos chamou especial atenção quando a senhora fez o seguinte comentário: “Este *shopping* não é como aqueles outros que fomos, este é um *shopping* de *beautiful people*”. Imediatamente, começamos a divagar sobre o significado de *beautiful people* nesse contexto, concluindo que talvez ela se referisse à classe social predominante naquele ambiente, majoritariamente composto por pessoas brancas e de classe média alta.

---

<sup>2</sup> Narcóticos Anônimos (NA) se definem como uma irmandade que propõe o que chamam de “processo de recuperação”, a partir de um modelo baseado nos 12 passos de Alcoólicos Anônimos (AA). Minha dissertação de Mestrado foi publicada com o título “Uma Nova Maneira de Viver: (re)construção de identidades em Narcóticos Anônimos”. 1. ed. Rio de Janeiro: PoD Editora, 2024.

O segundo episódio ocorreu quando fui visitar uma tia num determinado bairro da zona sul do Rio de Janeiro, onde à propósito, hoje eu mesmo resido. Ao nos encaminharmos para uma volta no calçadão, foi preciso aguardar no sinal de trânsito. Nesse instante, desembarcaram de um ônibus dezenas de jovens, na sua maioria negros, com caixas de som e uma animação característica dessa fase da vida. O ônibus vinha da zona norte e os jovens nitidamente se dirigiam à praia. Foi nesse momento, em que uma senhora que também aguardava o sinal, bradou: “Pronto, chegou o navio negreiro com essa gente nojenta!”. Chocados, não conseguimos ou não quisemos, não me recordo bem, iniciar uma discussão que provavelmente julgamos infrutífera e seguimos nosso caminho conversando sobre o ocorrido, destacando o viés racista de tal comentário.

O terceiro episódio, surge como consequência da minha mudança para o mesmo bairro da minha tia, que aqui chamarei de *Little Princess*<sup>3</sup>. A fim de acompanhar as informações sobre o bairro, ingressei em vários grupos virtuais existentes na internet. Um deles me chamou especial atenção. Foi o grupo “*Little Princess Urgente*”. O próprio título do grupo já se destaca. No melhor estilo dos programas de TV aberta conhecidos como “pinga-sangue”, aqueles que abordam crimes de uma maneira sensacionalista, o grupo virtual tem no seu escopo o objetivo de alertar aos moradores do bairro sobre crimes, como assaltos, arrastões e afins. Após alguns meses acompanhando o grupo, notei a recorrência de uma expressão bastante singular. Quando os membros querem alertar sobre determinado evento ou situação que julgam potencialmente perigosa no bairro e que envolva sobretudo menores de idade em situação de vulnerabilidade, utilizam a expressão “sementes do mal”. Assim se referem aos menores que circulam pelo bairro, estejam eles ou não cometendo ato infracional. Numa rápida pesquisa no buscador do grupo, encontrei dezenas de postagens onde os membros alertavam para a presença de “sementes do mal” em determinada rua, ou para a presença de “sementes do mal” no calçadão, o que incomodava e tornava quase impossível desfrutar tranquilamente de um passeio à beira mar.

O que eventos acima têm em comum? Que elementos podemos extrair para a reflexão que pretendo? Refletindo sobre os episódios supracitados, percebo que há neles a confluência para um tipo de emoção, que é o nojo. Nos três casos acima, identificamos a construção de um imaginário sobre a ocupação de diversos espaços na cidade e como a ocupação desses

---

<sup>3</sup> Optei por ocultar o nome do bairro a fim de preservar o anonimato do grupo do virtual e de seus membros.

espaços estaria, segundo essa visão, submetida à cortes de classe, raça e situação social. Mas não apenas isso, o nojo nesse caso, sugere uma relação de poder assimétrica, onde uma determinada ordem estaria sendo subvertida pela presença de seres “indesejados”, “abjetos”, em locais que seriam predominantemente pertencentes a um determinado estrato social, ou seja, a *beautiful people*. Assim, proponho a partir de uma “etnografia virtual” do grupo “*Little Princess Urgente*”, refletir sobre as raízes sociais da construção de um tipo de sentimento que é partilhado tanto pela senhora do *shopping*, como pela senhora do episódio do ônibus e pelo grupo virtual: o nojo. Dessa forma, emoções individuais são compreendidas na sua relação com um contexto mais amplo, com a cultura e a sociedade nas qual estão inseridas. Dito de outra forma, aciono a Antropologia das Emoções, que analisa os afetos na sua dimensão pragmático-discursiva, ou seja, percebendo nos relatos dos membros do grupo virtual um “ato de enunciação”, uma “ação social” (REZENDE & COELHO, 2010). Entendendo as emoções como sendo construídas num determinado contexto, como parte de um construto social, busco discutir, refletir e situar o nojo como parte de uma “cultura da evitação” (MILITO & SILVA, 1995)<sup>4</sup> presente em parte da sociedade brasileira atual. Tendo em vista a limitação de espaço de tal empreitada, é importante assinalar que não pretendo, sob nenhuma hipótese, discutir de forma mais ampla ou profunda os aspectos constitutivos das desigualdades presentes na sociedade brasileira, mas tão somente refletir sobre parte de suas consequências. É o que encaminho a partir do próximo tópico.

## 2. Algumas considerações metodológicas

É inegável a importância que os meios digitais vêm adquirindo nos últimos tempos. Diante dos desafios enfrentados pela pandemia provocada pelo novo coronavírus (SARS-COV2), a internet desponta cada vez mais como uma ferramenta imprescindível, seja na perspectiva pessoal ou profissional. Em que pesem os embaraços provocados por microfones e câmeras ligados ou desligados em momento inoportuno, não é possível mais ignorar a utilização das ferramentas digitais como formas de apropriação e difusão dos mais diversos conteúdos e conhecimentos. Nesse sentido, os espaços virtuais, penso, não

---

<sup>4</sup> Milito e Silva trabalham com a noção de “cultura da evitação” para designar um tipo de comportamento que adota o distanciamento de grupos marginalizados como prática, como estratégia de “proteção” contra os “nojentos” e “abjetos”.

constituiriam uma “outra cultura”, mas seriam parte integrante da sociedade contemporânea, um “lugar”, por assim dizer, ainda que mediados por uma tela de computador ou smartphone. De maneira bastante resumida, se tivermos como referência a ideia de que uma etnografia consiste numa descrição densa de práticas sociais de indivíduos ou rede de indivíduos (coletividades), objetivando a compreensão dos mais diversos aspectos de diferentes culturas, então a internet surge como um elemento da cultura e não como um universo à parte. Respeitando as especificidades do espaço virtual, percebemos de que forma as demandas colocadas ali reverberam no mundo off-line e vice-e-versa. Nesse contexto, procurei estabelecer uma relação de distanciamento como o grupo pesquisado, buscando interferir o mínimo possível. Desde o meu ingresso no grupo virtual, tenho agido como mero espectador, não comentando ou reagindo a qualquer postagem. Segundo Beatriz Polivanov (2013, p. 65), essa estratégia me colocaria no lugar do pesquisador distante: “No primeiro tipo (*distanced research*) há a observação das interações sociais em determinado ambiente online pelo pesquisador, mas essa observação não é participante. O etnógrafo vai coletar nesses casos dados como textos, imagens e emoticons, sem interferir no ambiente”.

Ainda que tenha procurado manter o máximo de distanciamento em relação às postagens do grupo, não estou bem certo se minha presença pode ser caracterizada como “não-participante”. O simples fato de pertencer ao grupo e acompanhar o que é postado me coloca, acredito, numa posição que me caracterizaria como um “participante passivo”, ou seja, não comenta e não reage, mas está presente. Dessa forma, imerso em um objeto específico e em um espaço determinado, busco preservar as características principais nas quais se assentam uma etnografia. Concordo com as considerações de Polivanov quando conclui que:

Assim, argumentamos que, ainda que haja, sem dúvidas, singularidades quanto à mediação, linguagem e formas de interação entre pesquisadores e pesquisados na internet e “fora” dela, tal relação – mediada mesmo off-line – se dá em ambientes virtuais que não podem mais ser tratados como “não-lugares” e menos ainda de forma dicotômica, opondo-se o virtual ao “real”. (POLIVANOV, 2013, p. 69).

Assim, minha participação no grupo virtual de bairro foi a mais discreta possível. Limitei-me a selecionar relatos que julguei interessantes ao propósito do trabalho. Do ponto de vista ético, não expus o nome dos integrantes, preservando-lhes o anonimato. Trabalhei com postagens e comentários realizados no período entre setembro de 2020 e janeiro de 2021.

O grupo conta com trinta mil membros e figura como “grupo privado”, ou seja, o interessado deve solicitar ao administrador do grupo o ingresso no mesmo. Embora seja um grupo voltado para acontecimentos do bairro, percebi pelas postagens que existem membros de outras regiões da cidade. No entanto, a maior parte dos membros parece mesmo ser composta por moradores.

Ainda que a questão da segurança pública seja o tema mais frequente no grupo, existem outros temas que parecem mobilizar os membros, como a questão do ordenamento do espaço público em função do comércio ambulante, a precariedade na manutenção de ruas, praças e outros espaços, bem como questões relacionadas ao comércio de produtos e serviços oferecidos e prestados por moradores. Uma questão interessante também surgiu. Os moderadores do grupo reforçam a todo instante o seu caráter e propósito, destacando que o foco deve se dar naquilo que acontece no bairro.

Nesse sentido, procuram desencorajar debates político-partidários. Existe inclusive um aviso nas “regras do grupo” de que tal tipo de postagem é passível de exclusão e o membro de expulsão do grupo. No entanto, tal interdição nem sempre é respeitada. Na verdade, é muito interessante notar como posicionamentos em defesa deste ou daquele político podem ser percebidos na maneira como os membros se colocam, sobretudo em assuntos que dizem respeito aos episódios de violência no bairro, sendo o grupo minoritário sempre aquele que se manifesta em defesa dos direitos humanos. Aqui, destaco como fica evidente pelas manifestações em torno da questão dos menores em situação de vulnerabilidade, as “sementes do mal”, como o debate nacional em torno do tema reverbera no interior do grupo<sup>5</sup>.

### 3. Nojo e abjeção: o grupo “*Little Princess Urgente*”

O bairro de “*Little Princess*” está situado na zona sul da cidade e até o final do século XIX, era um local de difícil acesso. Isso começa a mudar com a construção de um túnel que facilitou o contato com o restante da cidade. Com o processo de modernização implementado pelo Prefeito Pereira Passos, conhecido como o “Hausman Tropical” (SEVCENKO, 1999), o bairro ganharia um dos seus principais símbolos, um calçadão à beira mar, onde moradores e

---

<sup>5</sup> Caberia uma provocação: como ficaria a situação desses menores em situação de vulnerabilidade caso fossem aprovados os projetos atuais de flexibilização da compra e porte de armas defendidos por uma parcela significativa da sociedade?

turistas costumam passear e praticar atividades físicas. Cosmopolita, “*Little Princess*” recebe centenas de visitantes do mundo inteiro durante todo ano. Composto majoritariamente por pessoas de classe média, o bairro ficou eternizado no imaginário coletivo como um local agradável, onde moças e rapazes exibiam seus corpos perfeitos na praia, ao som de “bossa nova” e caipirinha. No entanto, com cerca de 140.000 habitantes, em 2010, o bairro também conta com alguns problemas. Numa postagem de janeiro de 2021, um dos membros pergunta: “Na sua opinião, quais os três maiores problemas da zona sul?” e respondeu uma moradora: “moradores de rua emporcalhando o bairro, com direito de culpar a sociedade pela vida que levam, pivetes e calçadas esburacadas. (postagem em janeiro de 2021).

Em setembro de 2020, uma outra mensagem alertava sobre a presença de seres indesejados: “Amigos eu já tinha alertado na sexta-feira que devido ao feriado as SEMENTES DO MAL iriam começar a trabalhar. Isso é apenas o começo”. Os comentários: “Saí de casa por volta de 12:30 e as sementinhas já estavam na atividade”; “Bando de bandidos”. Fica evidente pelos comentários acima que nem todos são bem-vindos no charmoso bairro. Como vimos, as “sementes do mal” são, na visão de membros do grupo, o grande problema de “*Little Princess*”, não apenas pela possibilidade de praticarem crimes, como também por “emporcalharem” o bairro. Ao chamar os menores de “sementes do mal”, utilizam uma categoria de acusação. Segundo Velho (1978, p. 6-7): “A desigualdade inicial vai marcar os limites e possibilidades de acusação e de seu sucesso [...]. Em sociedades urbanas, complexas, como a em que vivemos, dependendo do grupo social e das circunstâncias, vários tipos de acusação podem ser acionados”.

Cabe ressaltar que nos relatos do grupo não existem alertas apenas para comportamentos inadequados. A simples presença dos menores nas ruas do bairro já é suficiente para que se “acenda o sinal de alerta”, ou seja, as acusações são direcionadas a partir de marcadores de distinção, entre o “nós”, os “normais”, e eles, os “nojentos”.

Segundo Haidt (1997), o nojo pode ser visto como resultado de uma evolução para ajudar nossa espécie a discernir o que comer ou não, e que agora auxiliaria a descobrir o que fazer no mundo cultural. Já segundo Miller (1997):

Quando o desprezo convencional das classes altas se torna incerto de sua garantia, quando as classes mais baixas não são mais invisíveis ou seguramente desatendidas, quando constituem fontes bastante intrusivas de preocupação e ansiedade, então, como acabei de indicar o desprezo se reconstitui em uma forma diferente. Não é

mais capaz de uma indiferença complacente, move-se em direção ao horror, ódio, medo, ódio e nojo (MILLER, 1997, p. 237, tradução minha).

Dito de outra forma, quando o desprezo pelo outro não é mais suficiente. Quando o outro, que julgo inferior por suas maneiras, hábitos e costumes (ELIAS, 2011), não se contenta em se manter à uma “distância segura” e ameaça com seus gestos e modos “grosseiros e agressivos” o “meu lugar”, o nojo e abjeção veem à tona, transubstanciado em discurso de ódio (WALDROM, 2012).

O nojo e abjeção, portanto, surgem como afetos que pretendem estabelecer uma distinção entre mim e o outro, contribuindo inclusive na construção de uma autoimagem pela diferença. A alteridade, nesse caso, surge com uma condição da identidade. As “sementes do mal”, são assim definidas porque são diferentes. Não são humanos, são “sementes”, e por isso devem ser extirpadas. Mais uma vez recorrendo a Velho (1978):

A constituição de grupos estáveis implica na alocação de responsabilidades e em uma distribuição social do poder. São desenvolvidos mecanismos que permitam conciliar as diferenças e divergências. Existem, no entanto, situações em que esta conciliação se torna difícil e desenvolvem-se outros mecanismos que visam isolar ou extirpar comportamentos «excessivamente» desviantes. (VELHO, 1978, p. 9).

Ao mesmo tempo *despessoalizadas* e demonizadas, são o “mal” que impossibilitam o pleno gozo da vida, uma volta a um passado imaginário e glamouroso. São “feios e sujos”, emporcalham o lugar e por isso devem ser evitados. “*Little Princess*” é nobre e acolhedora, mesclando graça e sofisticação, mas ao mesmo tempo frágil. Por isso, devemos estar atentos contra o “mal”. Em setembro de 2020, mais uma postagem de alerta: “Amigos, fiquem atentos as ‘sementes do mal’. Agora estão vindo pela rua X e saindo da rua Y”. E os comentários: “Corja maldita, só faz peso na Terra e prejuízo às pessoas de bem”, “Bando de marginais que botam o terror nos outros, tem que botar uma barreira impedindo a entrada desses tipinhos na zona sul”. É uma “corja maldita”, vamos “colocar uma barreira”. Os comentários ao alerta do morador, acredito, exemplificam muito bem o que buscamos destacar aqui. O nojo, assim, aparece como um marcador de distinção e poder. Para desfrutar da paz e da tranquilidade que havia “antigamente” é preciso construir uma barreira. A afirmação me remete a um outro contexto, onde um governante fez do nojo um importante afeto político, Segundo Richardson:

Muros e proibições não são simplesmente políticas de exclusão, mas de pureza - tratam de endurecer as linhas entre um corpo político e outro, impedindo a transmissão que pode mudar ou (para mudar para as imagens tóxicas de etnonacionalismo) infectar a pátria (RICHARDSON, 2017, p. 2, tradução minha).

Embora a reflexão acima tenha sido utilizada num outro contexto, analisando as propostas e práticas políticas do então Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, com relação aos imigrantes e minorias, a matriz ideológica que sustenta tal argumento não me parece tão diferente. “Fazer a América grande de novo” significava lá, como em nosso caso aqui, proporcionar o reencontro com uma grandeza imaginária perdida em função da presença de seres nojentos e abjetos. Em uma postagem de novembro de 2020, um membro nos informa o seguinte:

Olá, amigos do grupo. Acabamos de botar de volta para o ônibus 123 quinze ‘sementes do mal’ que já queriam começar a ‘trabalhar’ aqui em frente ao mercado x. Éramos sete mas demos muitos ‘conselhos’ para os ‘pobres coitados’. Esse grupo pelo menos vai dar um tempo aqui do pedaço. Nunca vi tanta gente entrar tão rápido por uma porta só... mas eles não são valentes. Eu estava precisando fazer uma ‘ginástica’ dessas, meus ossos já estavam ‘enferrujados’... DIREITOS HUMANOS é pra trabalhador...eles têm direito a TOMAR PANCADA e tomaram.

A “solução” encontrada, portanto, foi a violência que fez com que os menores retornassem para o ônibus de onde haviam saído. Aqui, a lógica de que os direitos humanos são feitos para “proteger bandidos” também aparece. Não custa lembrar, nesse caso, de uma frase muito repetida por um governante: “Diretos humanos para humanos direitos”. Nem todas as postagens do grupo pregam a violência ou extermínio de menores em situação de vulnerabilidade, moradores em situação de rua e usuários de drogas ilícitas. Em setembro de 2020 há uma postagem bastante extensa, defendendo que se tenha uma atitude mais humana com pessoas em situação de rua. A autora da postagem ainda argumenta que ajuda e que normalmente recebe agradecimentos. Aqui, infelizmente os comentários não são os mais elogiosos: “Vou iniciar a campanha adote um morador de rua”, ou “Dê seu endereço e mandamos todos os moradores para lá”, ainda “Essa senhora criou um tópico nos mesmos padrões, dizendo que ‘sorria para os cracudos’ hahaha. Só pode ser perversão”.

Como apontei anteriormente, não caberia aqui analisar todas as mazelas da sociedade brasileira que provocam tal situação. As enormes desigualdades sociais do Brasil são bastante conhecidas. No entanto, gostaria de problematizar a questão da violência praticada por menores e pessoas em situação de rua. Ao investigar com bastante atenção e cuidado as

postagens do grupo, notei que a maioria faz menção à “possibilidade” de violência praticada por esses menores. Seria contraproducente aqui tentar argumentar que não existe qualquer tipo de violência ou ato infracional praticado por esse grupo. No entanto, é interessante apontar como na maior parte das postagens o que há são “alertas” para a possibilidade de um ato infracional e não o relato de um ato em si. Se compararmos o número de “alertas” com o número de relatos de eventos onde efetivamente ocorreu algum tipo de ato infracional praticado por esses menores, perceberemos que o número de “alertas” é bem maior, o que indica não que não haja crimes, mas que a quantidade efetiva de atos desse tipo pode ser significativamente menor do que é divulgado no grupo.

Dessa forma, a questão central aqui é procurar entender como o nojo e abjeção se constituem a partir de um determinado contexto e como são compartilhados por membros de uma mesma comunidade. Na gramática dos afetos, nojo e abjeção operam então como marcadores de distinção e poder, demarcando fronteiras e estabelecendo diferenciações entre moradores do bairro e “arruaceiros”, que enxergariam ali uma oportunidade para auferir ganhos fáceis. Sobre essa questão, Milito e Silva (1995) nos dizem que:

Aí está a chave de tudo: os símbolos mudaram. Pouco importa o que foi a Cidade Maravilhosa, tantas vezes celebrada em músicas populares como uma mulher sensual. Ora, os símbolos, as joias da Falecida extraviaram-se nos rituais do velório. A Diabólica ora em cena adorna-se com joias faiscantes, corrosivas, cortantes, símbolos do novo tempo. Não o tempo real lá fora a 9 escorrer, mas o tempo lógico (um mais simples e familiar que o laciano) da verificação de que a arquitetura da belle époque, a varanda, o cercado, o quintal, o bonde, a igreja, as praias já não contem mais os nítidos limites de outrora, e que o “outro” múltiplo da miséria nacional aprendeu a pular a cerca, pisar em areias sagradas, vomitar no adro da igreja. O que fazer? (MILITO & SILVA, 1995, p. 38).

Não se trata de negar o problema, mas de refletir como dele tratamos enquanto sociedade, como nos mobiliza enquanto coletividade e mais, que afetos provocam. As “sementes do mal”, seriam futuros marginais que ainda não “brotaram”. Mais uma vez sigo as reflexões de Milito & Silva sobre o tema:

Pode-se, no entanto, dizer que esses sujinhos serão os infratores de amanhã. Está é, sem dúvida, uma possibilidade, mas a relação medrosa ou evitação de qualquer relação podem estar a contribuir mais para a formação do futuro infrator que todo o trabalho de todas as instituições que ‘alimentam bandidos’. Até porque, já que estamos no território do lugar-comum, ódio e indiferença talvez conformem mais facilmente a psicologia do tipo delinquente que amor e atenção. (MILITO & SILVA, 1995, p. 51).

Assim, é importante destacar que os “alertas” produzidos no grupo com relação às “sementes do mal” procura, na esmagadora maioria das vezes, antecipar a ação desses meninos. Esse expediente acaba por alimentar uma “cultura da evitação” (MILITO & SILVA, 1995) e do pânico que se retroalimenta cada vez que alguma postagem desse tipo aparece. Estão todos sempre tensos! Ao caminhar pelas ruas do bairro, percebe-se nitidamente como essa cultura se manifesta nas bolsas cruzadas e seguras, nos olhares atentos, no caminhar apressado, sobretudo quando adiante estão meninos ou pessoas em situação de rua. São pessoas a serem evitadas a todo custo, passamos com pressa e nem olhamos.

De outro lado, o desconforto que a presença “deles” causa na comunidade contribui fortemente na construção de um sentimento de desprezo, de nojo, de ódio. Dormem na rua, fazem suas necessidades nas calçadas, atrapalham o sono com barulhos e brigas durante à madrugada, assaltam e importunam. Na praia, esses “nojentos” que vem de fora no seu “navio negreiro” não conseguem se comportar. Não conseguem seguir os códigos de conduta e regras sociais que tornam possível a vida em sociedade.

Na introdução de “Os Estabelecidos e Outsiders”, Norbert Elias nos informa que o caso abordado no microcosmo de uma pequena cidade operária na Inglaterra, embora restrito, poderia servir para a compreensão de outros casos de estigmatização que grupos de poder elevado fazem de grupos de menos favorecidos.

Os grupos estabelecidos que dispõem de uma grande margem de poder tendem a vivenciar seus grupos outsiders não apenas como desordeiros que desrespeitam as leis e as normas (as leis e as normas dos estabelecidos), mas também como não sendo particularmente limpos [...] O sentimento difundido de que o contato com membros dos grupos outsiders contamina, observado nos 10 grupos estabelecidos, refere-se à contaminação pela anomia e pela sujeira, misturadas numa coisa só. (ELIAS, 2000, p. 29).

Reputo ser de fundamental importância a passagem acima. Embora referindo-se a outro contexto, acredito que haja aqui uma questão. Para os membros do grupo do bairro, as “sementes do mal”, moradores em situação de rua, usuários de drogas e grupos de “suburbanos” que “invadem” a praia aos finais de semana, seriam “outsiders”, no sentido de que seriam “foras da lei”, “fora da ordem”, “sujos”, “abjetos”, “baderneiros”. Todas essas “marcas” estigmatizam esses grupos em contraste com os moradores, esses cumpridores da lei e da ordem, pagadores de impostos, cidadãos de bem, *beautiful people*.

## 4. Considerações Finais

A partir de uma etnografia em um grupo de bairro na internet, procurei demonstrar como se formam os sentimentos de nojo e abjeção no grupo. Assim, investigando as postagens, encontrei de maneira recorrente a expressão “sementes do mal”, categoria de acusação, referindo-se aos grupos de meninos em situação de vulnerabilidade que circulam pelo bairro. Como explica Velho (2010), pessoas que não atentam para as expectativas socialmente desejadas no desempenho de papéis são consideradas perigosas e, por isso, sujeitas a acusações. No caso dos menores que circulavam pelo bairro, sofriam a acusação de praticarem atos infracionais, bem como serem “nojentos”, “abjetos”, o que significa que a sua simples existência é motivo de repulsa.

Esses sentimentos de nojo e abjeção que afetam a maioria dos membros do grupo, atuam como instrumento de poder e distinção, estabelecendo uma dualidade nós-eles que opera como fator gerador de uma identidade fundada na alteridade. O artigo não teve como objeto discutir os motivos que provocam essa situação nem apontar soluções. O objetivo foi, então, perceber como funciona essa gramática dos sentimentos no grupo e de que forma os envolvidos são vistos e percebidos sob a ótica dos moradores.

Gostaria de concluir destacando como essa abjeção, que contribui fortemente na formação de uma “cultura da evitação”, gerando sentimentos de medo, tensão e agressividade dos membros dos grupos com os meninos em situação de vulnerabilidade, também é sentida e muitas vezes internalizada por esses meninos (MILITO & SILVA, 1995) que muitas vezes acabam agindo exatamente da maneira como se espera que ajam. Nesse sentido, deixo aqui uma última provocação: como seria se esses meninos fossem acolhidos ao invés de hostilizados? Que consequência prática haveria se substituíssemos a “cultura da evitação” por uma “cultura da aproximação”? Se as emoções são socialmente construídas num determinado contexto, seria possível alterar a gramática de nojo e abjeção para uma outra de empatia e respeito? Quando estigmatizamos crianças de oito, nove, dez anos, colocando sobre elas o carimbo de “sementes do mal”, de quem efetivamente estamos falando?

## Referências:

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador. Volume I: uma história dos costumes.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ELIAS, Norbert. **Os Estabelecidos e os outsiders.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

Haidt, Jonathan. **Body, Psyche, and Culture: The Relationship between Disgust and Morality.** *Psychology Developing Societies* 1997 9: 107. Disponível em <http://pds.sagepub.com/content/9/1/107>.

MILITO, Cláudia & SILVA, Hélio R.S. **Vozes do meio fio.** Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.

MILLER, William Ian. **The Anatomy of disgust.** Cambridge: Harvard University Press, 1997.

POLIVANOV, Beatriz. **Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos.** *Revista Esferas*, Ano 2, no 3, julho a dezembro de 2013.

REZENDE, Claudia Barcellos & COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções.** Rio de Janeiro, Editora FGV, 2010 (versão digital).

RICHARDSON, Michael. **The disgust of Donald Trump.** *Continuum: Journal of media and cultural studies*, 31:6, 2017.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** São Paulo; Brasiliense 1999.

SILVA, Rodolfo Ferreira da. **Uma Nova Maneira de Viver: (re)construção de identidades em Narcóticos Anônimos.** 1. ed. Rio de Janeiro: PoD Editora, 2024. v. 1. 196p.

VELHO, Gilberto. **Acusações: projeto familiar e comportamento desviante.** *Boletim do Museu Nacional, Antropologia*, nº. 28, junho de 1978.

VELHO, Gilberto (Org.). **Estigma e comportamento desviante em Copacabana.** *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social.* 4ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, [1974] 1981c, p. 116-124.

VELHO, Gilberto. **O consumo de psicoativos como campo de pesquisa e intervenção política.** Entrevista de Gilberto Velho a Maurício Fiore. Entrevista publicada no Blog pessoal de Gilberto Velho. <http://gilbertovelho.blogspot.com.br/> em 31.05.2010.

WALDROM, Jeremy. **The harm in hate speech.** Cambridge/London, Harvard University Press, 2012.